

Gênero e sociedade patriarcal no Senegal: uma análise da obra *Riwan*, de Ken Bugul

DJIBY MANÉ

Doutor em Linguística. Professor no curso de Licenciatura em Educação do Campo na
Universidade de Brasília (UnB), campus Planaltina (FUP)

“O destino da mulher e sua única glória é
fazer com que bata o coração dos homens”.
Honoré de Balzac

1. CONSIDERAÇÕES GERAIS

A comunidade africana, muito hierárquica, é claramente estruturada em torno da superioridade masculina. A segregação de gênero em todas as atividades e manifestações sociais começa muito cedo. Assim, desde a infância, meninos e meninas são iniciados aos seus futuros papéis na comunidade. Isto significa, para as meninas, a iniciação através de suas mães com tarefas domésticas, e a educação dos meninos pelos pais, através de atividades como concertar carros, trabalhar na lavoura etc. Essa atribuição das tarefas pode ser ilustrada pela citação abaixo:

Rama segurou o copo quente, lembrando-se instintivamente da iniciação ao calor, fogo, pela qual qualquer menina deve passar: pegar um pedaço de brasa e colocá-la no fogão. As mãos da mulher deviam domar o fogo. Rama aguentou o calor do copo quente e café quente (Bugul, 1999, p. 82: tradução do autor, incluindo os demais trechos citados neste artigo).

Na tradição africana, as moças recebem uma educação diferente da dos rapazes. Enquanto as moças são iniciadas ao fogo, elemento quente (alusão à cozinha), os moços são iniciados a construir casas, barcos etc. Trata-se de uma prova

da filosofia da “mulher no lar” na África, contrariamente a países europeus por exemplo, como ressalta Bugul (1999, p. 166):

Não importa, para mim, que viveu em tantas outras culturas, tanto na África como em outros lugares. Às vezes era a mulher que tinha a responsabilidade da alimentação e da educação das crianças e o homem devia construir a casa, às vezes, era a comunidade de propriedades e rendas que geria apenas uma pessoa. Então, cuidado com o divórcio!

A sexualização das tarefas é baseada nos fundamentos da distribuição de ocupações com base em gêneros. As razões são baseadas nas tradições, que continuam se perpetuando. Assim, um homem se sentirá incomodado se cozinhar ou lavar roupas, por exemplo. Mas Adichie (2015) questiona essa prática enraizada, como se vê na citação abaixo:

Mas por que é assim? Será que elas nascem com um gene a mais para cozinhar ou será que, ao longo do tempo, elas foram condicionadas a entender que seu papel é cozinhar? Cheguei a pensar que talvez as mulheres de fato tivessem nascido com o tal gene, mas aí lembrei que os cozinheiros mais famosos do mundo — que recebem o título pomposo de *chef* — são, em sua maioria, homens (Adichie, 2015, p. 37).

Nessa sociedade, a mulher é considerada como uma escrava, sujeita ao dispositivo conjugal e privada de todo direito. Além das tarefas domésticas, a mulher deve engravidar, dar à luz e educar as crianças, cujos primeiros passos estão, sem dúvida, sujeitos à governança e bondade maternas. É a este respeito que deve ser entendido, considerado e aceito o conceito de igualdade de gênero, tão almejada. Igualdade que não pode ser matemática, mas funcional.

Atualmente, a mulher africana enfrenta uma situação dicotômica entre a tradição e a modernidade. As mulheres são esmagadas pela tradição, que se tornou quase estrutural, no entanto, existem valores positivos que libertam e protegem a mulher. Assim, o papel da mulher no lar aumenta o poder do homem, criando a desigualdade de gênero.

A desigualdade de gênero é uma realidade histórica atestada em todas as sociedades. Entre o feixe de causalidades por trás do que parece ser uma invariante universal, as religiões têm, obviamente, o seu lugar. O assunto é vasto e muitas vezes apaixonante, quando se trata de mulheres e religião.

Para examinar questões que envolvem o feminismo africano, baseamo-nos na obra *Riwan ou o caminho de areia*, de Ken Bugul (1999). A autora discute e define

a natureza do feminismo africano e a literatura feminista africana. Tratar do feminismo africano é complexo devido às suas manifestações e expressões. É difícil e até incoerente falar de um único feminismo, tendo em vista a diversidade étnica, cultural, social, econômica, política, cultural e religiosa da África.

Este artigo consiste em analisar a obra *Riwan ou o caminho de areia* de Ken Bugul no intuito de averiguar o *status* da mulher na sociedade senegalesa que, além de sofrer influências da colonização francesa, sofre também uma forte influência do islã, religião com cerca de 90% de adeptos. Uma análise da trajetória histórica mostra como a sociedade foi capaz de levar em conta, assimilar e fazer suas as novas contribuições, além de destacar a maneira como as tradições são construídas.

O universo imaginário de Ken Bugul oferece-nos o retrato de uma mulher que está confiante de que as injustiças que sofrem as esposas do Serigne¹ são geradas por valores patriarcais que dominam a sociedade senegalesa. Algumas delas tiveram que parar seus estudos para atender o projeto de casamento, tornando-se incapazes de florescer em funções fora do lar. Reduzidas ao papel de donas de casa, elas acabaram deduzindo que a culpa é de um “sistema organizado”, que é condenado a inferiorizar a mulher.

Para a realização deste trabalho, fundamentou-se a pesquisa em Adichie (2015), Mané (2017) e no Alcorão. Quanto à metodologia, os dados para análise basearam-se em Bugul (1999). Assim, estruturado em três partes, esse artigo faz, em um primeiro momento, algumas considerações gerais. Na sequência, faz-se uma breve apresentação da obra, e por fim, analisa-se a obra *Riwan ou o caminho de areia*, focalizando casamento, feminismo, poligamia, submissão da mulher africana, uso do véu, mênstruo e virgindade.

2. RESUMO DA OBRA RIWAN OU O CAMINHO DE AREIA

Levando uma carreira paralela como romancista, sob o pseudônimo de Ken Bugul, com seu estilo bem-humorado, mas muito engajado em temas como o *status*

¹ Muito comum no Senegal, ‘Serigne’ se assemelha à palavra árabe ‘Cheikh’, que significa ancião, velho, mestre, sábio, líder religioso. É, entre os muçulmanos, um homem respeitado por causa de sua idade e especialmente de seu conhecimento científico e/ou religioso (ou seja, o conhecimento do Alcorão e a Sunnah). É uma qualificação respeitável, tanto no espiritual como no temporal, na vida mística ou monástica e na vida social, além de ser um título que os árabes dão a um grande prêmio de preciosas virtudes. Em wolof, o título de Serigne equivale a ‘Cheikh’, isto é, guia espiritual e/ou professor corânico. Ele é usado principalmente por professores corânicos e também líderes religiosos das irmandades Tidjaniyya Mouride etc. Em homenagem a um chefe religioso, muitas pessoas têm ‘Cheikh’ ou ‘Serigne’ no nome (Mané, 2017, p. 12).

da mulher, Mariétou Mbaye Biléoma é uma das grandes vozes femininas da literatura africana. *Riwan ou o caminho de areia* é uma história autobiografada de Ken Bugul que, após as ilusões ocidentais, voltou sem marido nem filho para o Senegal, seu país natal, tornando-se assim, a 28ª esposa de um poderoso e carismático Serigne. Em Daruler, um vilarejo do Senegal, o Serigne vive e reina respeitando as tradições. Cercado por cerca de vinte mulheres, para quem nada falta e todas à espera de seu apelo por meio do homem-guardião, ele espalha seu carisma incrível. Ele é um homem de verdade, bom para cada um e curioso para todos.

Riwan é o exemplo de um romance feminista africano que descreve a transformação de uma mulher. Em seu romance, Ken Bugul² critica a organização patriarcal na sociedade senegalesa, que tem forte influência do Islã.

Para ilustrar essa história, foi escolhido Massamba, mais conhecido sob o pseudônimo de Riwan. Possuído por uma força demoníaca, ele foi levado para a casa do Serigne em busca de uma cura. Como ele estava muito violento, teve que ser acorrentado e levado por três homens até as portas da concessão do Serigne. Após o contato com o Serigne em seu quarto, Massamba se tornou obediente e sempre cabisbaixo, atendendo às ordens do Serigne. Ele peneira, o dia todo, o caminho de areia que leva para o quarto do Serigne.

Através da busca frenética do personagem principal para encontrar uma identidade reconstruída, pacificada e reconciliada consigo mesma, *Riwan* é uma reflexão clara e intransigente sobre o feminismo. É principalmente uma história de mulheres e uma história de extrema sensualidade. Riwan tem três destinos – o de Riwan, de Rama e o da narradora – que são de fato como imagens separadas da própria autora. Três personagens que amam o Serigne à sua própria maneira e se libertaram das suas cadeias: a loucura para Riwan, a ignorância para Rama, e o desconforto para a narradora, que acredita ter encontrado uma identidade reconstruída, pacificada e reconciliada consigo mesma.

Por ter vivido na Europa, ela descreve uma situação dicotômica que tem de um lado as tradições polígamas africanas e de outro, o individualismo da monogamia ocidental de tudo permitido, da feminilidade e do feminismo, do desejo de sedução e ciúme, do filho único e/ou do animal de estimação.

Em *Riwan*, Ken Bugul descreve sua busca de identidade, longe dos clichês da vida conjugal e da concepção da “mulher evoluída” pela sua experiência na Europa. Neste caminho de areia amoroso, em que a autora convida o leitor a trilhar, há uma reflexão paradoxal e corajosa sobre as tradições africanas, o casamento, a religião, a poligamia, a monogamia, a alienação, a sedução, a vida e a morte.

² Ken Bugul significa “ninguém quer” em wolof. Nenhuma editora quis publicar a imagem de seu livro devido a algumas ideias consideradas equivocadas: a imagem de uma mulher africana sensual, feliz em compartilhar seu homem.

O romance *Riwan* representa um olhar único sobre a condição da mulher na sociedade senegalesa. Em uma história movimentada, baseada em fatos reais, este livro conta os destinos cruzados de mulheres africanas em relação ao casamento, visto nos ângulos tradicionalistas. Com *Riwan ou o caminho de areia*, Ken Bugul lança assim um debate muito sensível sobre a situação das mulheres na sociedade senegalesa, onde vivem entre as tradições e os costumes importados pela colonização e pela islamização.

A resistência feminista é também um ato concreto por Rama, que busca deixar a dependência conjugal aprendendo o ofício de bordados. Essa tentativa irá falhar devido à falta de tempo, tempo este que é dedicado ao marido. Eventualmente, ela deixa o lar conjugal: a sua fuga é um método heurístico pelo qual o fracasso da instituição polígama é estabelecido na intriga.

A amplitude de espírito do Serigne, no entanto, é posta à prova quando Rama, uma de suas jovens esposas, foge da casa depois de dormir com outro homem. No verdadeiro patriarcalismo, o Serigne deveria apanhar a fugitiva e puni-la de forma exemplar para reafirmar seu poder sobre os jovens. Ele não o fez.

No anúncio do desaparecimento da Rama, o Serigne se deita, se recusa a comer, fecha os olhos e espera que a morte o liberte de sua obrigação de vingar o insulto que lhe foi feito. Sua vizinhança não entende seu gesto e sua angústia porque a sociedade muitas vezes tem dificuldade em seguir os seus visionários no caminho da mudança. O fato é que o casamento por amor da narradora, a fuga do lar conjugal de Rama e a morte do Serigne resultam de decisões individuais, reutando a premissa de submissão absoluta aos costumes.

3. ANÁLISE DA OBRA *RIWAN OU O CAMINHO DE AREIA*

3.1. O FEMINISMO DE KEN BUGUL

A heroína do romance – que também é a narradora – volta ao Senegal, seu país natal, confusa e infeliz, após uma longa estadia longe de sua família. “Como eu lamentava de ter sido outra coisa, ter jogado o número da mulher emancipada, de ter perdido uma vida” (Bugul, 1999, p. 113).

Quando ela chega a sua aldeia, seus passos a conduzem à residência do venerável Serigne de Daruler, e seus encontros cada vez mais estreitos com este grande homem lhe permitem compreender melhor quem ela é, ou mais precisamente, identificar o que a afastou de suas origens senegalesas:

Naqueles primeiros anos da independência, só pensava na minha emancipação. Eu queria ser uma mulher cheia de diplomas que casaria com um homem cheio de diplomas da escola ocidental. Minha educação levou-me a esses sonhos. Na escola,

eu fui ensinada a considerar os homens de minha aldeia como selvagens, pessoas que não conheciam boas maneiras, faziam amor com brutalidade, não respeitavam a mulher... (Bugul, 1999, p. 39).

Ken Bugul usa a ficção da educação para estabelecer uma intriga na revolta feminista. Como mulher instruída, o seu feminismo se manifesta logo no início do romance quando, ao fazer visita ao Serigne, ela carrega um livro sobre as mulheres, apresentando-se assim, como uma leitora sensível aos problemas vivenciados pelas mulheres do país fictício representando o Senegal.

O Serigne pergunta à narradora-personagem do que trata o livro que ela tinha em mãos:

- O que você está segurando em sua mão? – Ele me perguntou depois de um momento.
- Um livro, gaguejei.
- E do que trata este livro?
- Ele fala de mulheres, respondi.
- Um livro sobre as mulheres? E o que dizem sobre elas?
- Falam sobre a sua história desde o início dos tempos, sua evolução (Bugul, 1999, p. 16-17).

Riwan lê um livro sobre os problemas que afetam as mulheres, mas não traz qualquer referência nem sobre o título nem sobre o autor: “Eu não posso contar tudo o que está escrito neste livro, não terminei de lê-lo, e ele contém muitas coisas. Tudo o que posso dizer é que são os problemas das mulheres colocados por outras mulheres” (Bugul, 1999, p. 17).

O livro trata das mulheres. Será que a narradora-personagem fez de propósito para tentar provocar o Serigne sobre o assunto? Ela responde que o livro trata dos problemas das mulheres por mulheres. Mas, para o Serigne, a mulher não é feita para ter problemas.

Poderia ser um livro que trata de depoimentos de mulheres sobre as dificuldades da vida de casadas. Esse abismo permitiu que a autora legitimasse esse tema da poligamia, que ela descreve como um comércio desumano por causa dos critérios de *status* social ou com base em recomendação para escolher uma esposa (Bugul, 1999, p. 33).

3.2. A POLIGAMIA EM RIWAN OU O CAMINHO DE AREIA

Na concessão do Serigne, a narradora-personagem se depara com vozes femininas vindas do outro lado do quarto em que ela estava. Curiosa por descobrir

do que se tratava, ela foi averiguar e percebeu que o Serigne levava uma vida polígama.

Por ser uma prática comum no Senegal, a poligamia é uma estrutura institucionalizada que ordena a mulher a sacrificar sua felicidade pela felicidade do marido. O problema da poligamia pontua a trama de *Riwan*, e é a voz da narradora-personagem que caricaturiza esta prática religiosa.

Nesse romance, descobre-se a extravagância do Serigne, o polígamo, que sustenta a dependência social e emocional das esposas profundamente afetadas pela sua nobreza. Sua submissão é uma espécie de pacto social e espiritual, unindo-as ao marido que as escolheu com a cumplicidade dos pais. Riwan explica sua dedicação a esta figura masculina, poderosa e dominadora, evocando o costume que faz das coesposas, propriedades do Serigne. Isso pode ser visto no conselho do pai de Rama com base na mentalidade coletiva que perpetua a tradição para melhor fortalecer o casamento: “Não se esqueça de que você é propriedade de um santo” (Bugul, 1999, p. 56).

Este fato social é narrado no discurso reflexivo da narradora que, gradualmente, revela a sua posição de porta-voz da autora: “Em uma sociedade regida por dogmas, regras, rituais institucionalizados, a reação não foi prevista. E então, mais uma vez, reagir a quê?” (Bugul, 1999, p. 43). A sequência dos termos “dogmas, regras e rituais” explica o significado da instituição da poligamia cujos únicos defensores nesta sociedade patriarcal são os homens e algumas mulheres que encontram nela uma forma de ter a paz financeira.

Riwan relata as palavras de um pai que transmite para sua filha seu dever de submissão:

Mostra que você recebeu uma boa educação. Seja uma mulher submissa. Curva-se para a vontade de seu marido. Não se intrometa com o que não lhe diz respeito. Que seus ouvidos não ouçam nada. Que sua boca não diga nada. Que seu pé seja curto. Que sua mão seja curta. Seja surda, muda e cega (Bugul, 1999, p. 58).

Sobre o modo imperativo, a instituição social ocorre até o ponto em que a chamada do dever também se torna a negação da liberdade das mulheres. Deve ser mistificada a dependência feminina para estabelecer um verdadeiro culto de passividade através da qual a regra habitual se inscreve no tempo.

Antes de seu casamento, Rama não podia imaginar o peso deste procedimento ou se rebelar contra a figura paterna. Uma vez consumado o casamento, e no decorrer dos anos de vida conjugal, ela percebe o absurdo de valores em que a sociedade a tinha mergulhado. Aproveitando-se de sua função de narradora autodiegética e onisciente, Ken Bugul narra a decepção desta personagem e sua inca-

pacidade de enfrentar a sociedade, ou pelo menos os instigadores da condição feminina:

Rama percebeu agora, mas ainda como um sonho, ela foi pega em uma engrenagem de onde ela não poderá escapar. Ela estava presa. Impotente diante da sociedade, impotente diante do seu pai, impotente diante desta forma de fidelidade (Bugul, 1999, p. 67).

Por ser um chefe religioso da seita muride, o Serigne recebia todo tipo de presente: dinheiro, carneiro, galinhas e até moças que, depois de crescidas, viravam suas esposas. Quem decidia com quem casaria sua filha era o pai, e ela não poderia desobedecer, como foi o caso de Rama:

Rama recebeu uma notícia. Uma grande e terrível notícia. Era difícil saber o que ela pensava ou o que ela sentia. Seu pai pôs à prova seus sentimentos próximos do delírio. Ele acabou de doar sua filha ao Serigne, o Grande Serigne. Um gesto que não poderia ser mais forte ou maior. Dom. Dom de uma pessoa. Dom de sua filha amada. Dom total. Dom fatal. Dom partilha (Bugul, 1999, p. 37).

Este tipo de casamento coisifica a mulher que, às vezes, só fica sabendo do seu próprio casamento no mesmo dia. Ela é dada em casamento como se dá um presente. No caso de Rama, assim como para a maioria das esposas do Serigne, ela é dada de graça como *Ndigueul*, uma promessa para com a religião.

Vivendo isoladas em um tipo de harém, sem contato exterior, a narradora-personagem, uma pessoa que viveu nas duas culturas, africana e europeia, ficou sem entender como o Serigne pode ter tantas esposas juntas em uma mesma concessão. Ela se pergunta: “Como duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, dez, doze, dezoito mulheres poderiam pertencer a um único homem e viver juntas, unidas a ele por laços antigos de sangue e sexo? O sangue e sexo!” (Bugul, 1999, p. 32).

De acordo com o Alcorão, o muçulmano pode se casar com até quatro esposas. Podemos deduzir que o número de até quatro esposas é *hallal* (permitido) e acima disso é *haram* (proibido). Assim, a narradora-personagem faz uma crítica à poligamia pelo fato de alguns homens, como o Serigne, não respeitarem o limite do número de esposas permitido. Para ela, as quatro primeiras esposas do Serigne não tinham o *mandarga* (impedimento), ou seja, seu casamento está dentro das leis islâmicas. Além disso, o Alcorão ressalta que quem não puder ser polígamo pode pegar uma mulher entre suas escravas. A narradora-personagem critica isso, visto que, em pleno século 21, quem ainda fala em ter escravas? O que se entende por escrava? Quem é escrava? A esse respeito, o Alcorão ressalta:

E, se temeis não ser equitativos para com os órfãos³, esposai as que vos aprazam das mulheres⁴: sejam duas, três ou quatro. E se temeis não ser justos, esposai uma só, ou contentai-vos com as escravas que possuíis⁵. Isso é mais adequado, para que não cometais injustiça (S. 4, V. 3).

Exceto com suas mulheres, ou com as escravas que possuem; então, por certo, não serão censurados (S. 23, V. 6).

O homem pode se casar com até quatro esposas legítimas às quais podem-se acrescentar as escravas compradas e as mulheres livres solteiras ou casadas que são capturadas como prisioneiras de guerra. E, se por acaso, o verdadeiro crente não está satisfeito, ele pode caçar em torno dele todas aquelas mulheres pobres.

Sem dúvida, um dos fatores catalizadores dessa prática, além da presença do islã, foi a administração colonial, quando o papel da mulher era relegado às atividades domésticas e à procriação. Naquela época, os senegaleses empregados

³ Tanto este versículo quanto o 127, desta mesma sura, se referem ao receio de os tutores se casarem com meninas órfãs, e a recomendação contida aqui é feita para sanar um mal, bastante disseminado na Península Arábica, em épocas pré-islâmicas, e que consistia no hábito de eles se casarem com órfãs, ou fazerem-nas casar com seus filhos, a fim de assumirem seus dotes materiais e gozarem de seus dotes físicos. E, por não haver ninguém que intercedesse por elas, a injustiça perpetrada por eles continuou impune, até o advento do Islã. Outra interpretação, ligada a este versículo, é de que ele haja sido dirigido àqueles homens que, receando cometer injustiça com os órfãos, preferiram evitar a tutoria, mas se esquecendo de outra injustiça cometida: aquela contra suas próprias mulheres que, até o Islã, chegavam a um número incontável, e eram tratadas com severidade e desigualdade. O Islã não apenas lhes lembra isso, mas os aconselha a reduzir o número de mulheres no matrimônio, para que elas possam ter garantidos todos os seus direitos.

⁴ Sabe-se que o povo árabe adotou, durante vários séculos, a poligamia. No passado, foram inúmeros os povos que a adotaram. Desde o Patriarca Abraão até a vinda de Cristo, o Velho Testamento, por exemplo, apresenta inúmeras passagens da existência de vida conjugal polígama. Fundamentalmente, a poligamia resultou de dois fatores inexoráveis e incontornáveis do passado: 1°) a mortalidade maior do sexo masculino, pelas guerras; 2°) o repúdio dos orientais à instituição chamada prostituição. O Islã foi a primeira religião que limitou o número de esposas, no contexto poligâmico, impondo três condições ao homem: não ultrapassar o número de quatro esposas; não ser injusto com nenhuma delas; e ser apto a sustentá-las equitativamente. Ao admitir esta modalidade poligâmica, o Islã apenas corrigiu uma situação anárquica, que reinava no mundo todo. Impôs a justiça no matrimônio a fim de garantir os direitos da mulher, algo absolutamente desconhecido na antiga prática de contrair casamento até com mais de vinte mulheres, ao mesmo tempo.

⁵ Se o homem não se encontrar em condições de sustentar a mulher livre, pode casar-se com uma escrava, já que esta exige menos despesas.

na administração colonial ganhavam uma indenização por número de filhos. Isso foi importante para o aumento da taxa de natalidade e da prática da poligamia.

Por ser uma prática cultural e religiosa no Senegal, a poligamia resulta, muitas vezes, em consequências tais como a desestruturação no lar, conflitos domésticos entre coesposas, revoltas e problema de herança em caso de morte do marido. Ela cria ciúme entre as coesposas, o que pode gerar violência a ponto de a esposa matar, matar-se ou ficar doida. Geralmente, a recém-casada assume posição de privilegiada (“tudo novo, tudo bonito”) em detrimento das demais mulheres que podem se juntar para combater a recém-chegada. Dessa relação polígama de ódio entre as coesposas, nascem filhos que crescem vendo todos esses problemas. *Riwan ou o caminho de areia* (1999) apresenta esses problemas conjugais em que vivem as heroínas que, examinando as características da instituição polígama, exigem a sua emancipação.

3.3. A SUBMISSÃO DA MULHER EM *RIWAN OU O CAMINHO DE AREIA*

Representando a vida conjugal como “uma estrutura familiar baseada em atitudes e comportamentos rígidos e fixos” (Bugul, 1999, p. 88), Ken Bugul mostra que a instituição polígama visa o ideal da mulher simples, calada, submissa e decente.

Como todos os casamentos do Serigne são baseados no *ndigueul* – ordem, compromisso, ou o fato de se submeter e obedecer a alguém – as esposas tinham que se submeter independentemente de sua vontade. Por se tratar de um país que apresenta uma alta taxa de analfabetismo, principalmente nas mulheres e em áreas rurais, as esposas acabam se submetendo aos homens, aceitando não passivamente, mas caladas, a poligamia.

Na África, as escolhas são um tipo de vida ou morte. Deve-se viver de acordo com as regras da comunidade, principalmente quando se trata de Mbos, uma pequena cidade de Rama onde todos se conhecem. Rebelar-se, rejeitando todas as regras da comunidade, significaria a sua condenação à morte, não uma morte física, mas uma morte mental, social, cultural, se a mulher quiser continuar vivendo (Bugul, 1999, p. 51-52). Assim, ela seria isolada pela comunidade inteira e até pelos próprios pais. Somente um louco para viver em um tal tipo de isolamento, e mesmo assim, não aguentaria muito. Então, a única solução é desaparecer, o que seria uma forma de morte (Bugul, 1999, p. 51).

A romancista destaca que, quando a sociedade dá predominância para o homem, as restrições sobre as mulheres são tão pesadas que estas são muitas vezes forçadas à expectativa e inércia. Assim, no casamento, a mulher deve ser paciente, na esperança de que um dia seu marido lhe dará a permissão para agir de acordo com seus desejos. É claro que em *Riwan*, a passividade mostrada por personagens

femininas nasceu porque elas são imperceptíveis na vida. A citação abaixo ressalta o quanto a mulher deve ser submissa, principalmente quando se trata da esposa de um chefe religioso.

Comporte-se bem. Não se esqueça que você é propriedade de um santo. Seja correta com as outras esposas do Serigne. Não há nenhuma rivalidade, há rivalidade apenas no caminho do bem, você deve fazer o bem, dizer boas coisas em todas as circunstâncias. Mostre que você recebeu uma boa educação. Seja uma mulher submissa. Obedeça à vontade de seu marido. Não se intrometa no que não te compete. Que seus olhos não vejam nada. Que seus ouvidos não ouçam nada. Que sua boca não diga nada. Que seu pé seja curto.

Que sua mão seja curta. Seja surda, muda e cega. Lembre-se, submeta-se à Sua vontade. É assim que você terá a 'Baraka', será seu caminho reto para o paraíso. (Bugul, 1999, p. 56-57).

Como se trata da submissão pelo *ndigueul*, todo discípulo tem que seguir as ordens do Serigne, na expectativa de ter o paraíso garantido. Todos eram discípulos do Serigne, até as suas esposas. É uma relação que implicava o envolvimento dos dois lados e é para sempre. Em outras palavras, submete-se ao Serigne de acordo com o *ndigueul*, no intuito de ter o paraíso garantido.

Como estes casamentos foram vivenciados pelas vinte e sete esposas que já rodeiam o homem santo? A questão certamente toca o leitor comum, mas para a narradora, esta não é a questão. Segundo ela, a maneira de reagir de cada um depende dos valores que cada um herdou de sua educação. Para uma senegalesa criada "em uma sociedade regida por dogmas, regras e ritos institucionalizados" (Bugul, 1999, p.43), a regra é aceitar sem amargura as escolhas de seus pais e cônjuge. É uma honra para a família uma mulher se casar com um grande Serigne, e cada uma de suas esposas deve aceitar, sem recriminação, sua condição de coesposa. O casamento não é uma questão de sentimentos, mas de coesão social, em que a atitude submissa das mulheres do Serigne de Daruler e a imperativa necessidade de silenciar seus sentimentos, sejam eles quais forem, são em nome do dever e da decência.

Si vous êtes femmes croyantes et célibataires, n'essayez pas de chercher l'âme sœur. Selon toutes les religions, les âmes des hommes supérieures à celles des femmes. Elles ne peuvent être comparées à celles des femmes. Pour trouver une âme sœur, il ne vous reste plus que l'homosexualité, Mesdames. Mais là encore, c'est interdit par les religions. Alors, respectez la volonté de Dieu. Ne vous en déplaise, soumettez-vous aux hommes et priez Dieu en silence⁶ (Hamda, 2016, p. 17).

⁶ Trad. do autor: Se você é mulher crente e solteira, não tente encontrar uma alma gêmea. De acordo com todas as religiões, as almas dos homens são superiores às das mulheres. Elas não podem ser comparadas com as das mulheres. Para encontrar uma alma gêmea,

Portanto, nada menos do que uma aceitação silenciosa acompanhada por uma obediência absoluta ao patriarca é esperada de meninas casadas, para o bem e para o mal, aos homens que não as tenham escolhido, mas a quem elas são obrigadas a servir com dedicação. Algumas, como Nabu Samb, têm a chance de se casar com um homem rico e amoroso e acabam se aproveitando da riqueza de seus maridos; mas outras, como Rama, não tiveram tanta sorte e elas estão condenadas a se casar com um homem que tem três vezes a sua idade. No entanto, diz a narradora, as interessadas se aproveitam da situação, porque a camada social a que pertencem também lhes dá a força para superar seus sentimentos e os seus próprios desejos e crescer na submissão e compartilhamento.

3.3. O USO DO VÉU

A narradora-personagem, além de expor o papel do pano/véu, faz uma dura crítica ao seu uso. Ela acredita que essa nova tendência tenha sido importada de países integristas.

Lembro-me de minha preocupação – que ainda existe – no dia em que vi minha sobrinha Mame Nata, completamente transformada. Ela não apertava mais a mão de homens, o que não era um problema, a elegância aconselhando mesmo a não apertar as mãos de mulheres. Ela não saía mais sem um longo vestido que lhe caía nos pés e se cobria com um véu que mostrava apenas o seu rosto. Por pouco, ela teria usado luvas e meias, sob um calor sufocante, de mais de quarenta graus na sombra. Ela me criticava, entre outros, rindo, por mais uma vez, eu ter colocado esmalte nas minhas unhas, porque o esmalte não é permitido para a oração (Bugul, 1999, p. 61).

O véu mencionado no Corão deve esconder a cabeça e o corpo das mulheres, especialmente das mulheres casadas, para afastá-las do olhar de outros homens. Este véu, que supostamente deve protegê-las, também tem o efeito de separá-las ou excluí-las, mesmo no século 21, marcado pelo ódio de alguns fundamentalistas religiosos.

Com a revelação do Alcorão a Maomé, Deus diz:

Ó Profeta! Dize a tuas mulheres e a tuas filhas e às mulheres dos crentes que se encubram em suas roupagens. Isso é mais adequado, para que sejam reconhecidas e não sejam molestadas. E Allah é Perdoador, Misericordioso. (S. 33, V. 59).

só sobrou a homossexualidade, senhoras. Mas, novamente, é proibida pela religião. Então, respeitem a vontade de Deus. Não se incomodem, submetam-se aos homens e a orar a Deus em silêncio.

O componente religioso tem, provavelmente, o seu lugar entre outros elementos de explicação para essas tradições profundamente enraizadas nos usos sociais. Essa obrigação mantém-se ainda hoje para o acesso das mulheres às mesquitas. Assim, o véu está associado à necessidade de reservar os seus encantos para o seu marido, mesmo não sendo um objeto tentador.

3.4. A VIRGINDADE

O teste de virgindade aplicado apenas à mulher na noite nupcial era muito temido pela família da moça, por uma questão de manter a honra e de não ter que devolver o dote, ou até mesmo anular o casamento. A história narrada abaixo, sobre uma troca de esposa, mostra o quanto é importante preservar a virgindade até o casamento para essa cultura:

Conta-se a história da virgem que tinha tomado o lugar de sua amiga, que não era mais virgem, na noite de seu casamento. Muitos anos depois, ela mandou buscar água na casa de sua amiga e esta se recusou, dizendo: O poço está seco. E ela lhe lembrou: Antigamente o poço tinha secado, mas mesmo assim foi possível encher o balde. A amiga com memória curta lembrou-se e cometeu suicídio. Quem desafia a virgindade de uma menina desperta-se moral, psicológica, social e materialmente (Bugul 1999, p. 76-77).

O importante desse processo investigativo é encontrar uma mancha vermelha, sinal de sangue, para ser não só uma questão de honra e orgulho para a família da moça, mas também para servir de exemplo às jovens que devem “juntar as pernas” e “amarrar bem o pano”, ou seja, não manter relações sexuais antes do casamento (Bugul, 1999, p. 49).

Mas, se toda relação sexual envolve duas pessoas (homem e mulher), por que a mulher é sempre vitimizada? A esse respeito, Adichie (2015) afirma que “nós políciamos nossas meninas. Elogiamos a virgindade delas, mas não a dos meninos (e me pergunto como isso pode funcionar, já que a perda da virgindade é um processo que normalmente envolve duas pessoas)” (p. 35).

Por se tratar de uma honra para a família, vale tudo para preservar a virgindade. Muitas jovens não aprenderam a andar de bicicleta por medo de perder a virgindade, isto é, sonham em manter a virgindade até o casamento. O sexo antes do casamento é um tabu, portanto, proibido.

3.5. O MÊNSTRUO

Mesmo sem Rama usar um véu que caracterizasse a menstruação, o Serigne soube que ela estava menstruada. E como manda a religião islâmica, Rama teve

que se isolar na concessão das esposas e o Serigne chamou outra Mame Faye para dormir com ele. Esse afastamento de Rama dura todo período da menstruação, como podemos ver na citação abaixo:

Rama continuou a viver bem com Serigne até que ela teve seu período menstrual. Ela nunca soube como o Serigne sabia disso, porque ela não tinha colocado um lenço vermelho ou um lenço preto ou qualquer outra coisa para mostrá-lo, como era feito em alguns países, mas ele pediu-lhe para ficar no harém junto com as outras mulheres e na mesma noite ele mandou chamar Sokhna Mame Faye para passar a noite com ele (Bugul, 1999, p. 129-130).

Para completar, deve-se notar que a ideia de uma impureza relacionada com a menstruação é uma proibição que abrange apenas as relações sexuais, como mostra a citação do Alcorão abaixo:

Perguntam-te pelo mênstruo. Dize: É moléstia⁷. Então, apartai-vos das mulheres, durante o mênstruo, e não vos unais a elas, até se purificarem. E, quando se houverem purificado, achegai-vos a elas, por onde Allah vos ordenou⁸. Por certo, Allah ama os que se voltam para Ele, arrependidos, e ama os purificados (S. 2, V. 222).

No entanto, o versículo começa caracterizando este estado de moléstia e termina dizendo que durante este período, a mulher é impura. Os muçulmanos, muitas vezes, argumentam sobre a menstruação das mulheres para justificar a poligamia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Riwan ou o caminho de areia*, para além de clichês e dicotomias, conta uma história ao mesmo tempo singular e comum: a de uma jovem ferida e marginalizada que encontrou o seu equilíbrio colocando o seu destino nas mãos de um homem que serve como seu pai espiritual, marido e companheiro intelectual. Esta viagem, embora firmemente enraizada em um universo africano, é semelhante a uma autobusca compartilhada por todos aqueles que, tanto na África como em

⁷ Além da indisposição e do mal-estar que causa à mulher, há o problema higiênico. Crê-se que a ação do fluxo sanguíneo, na vagina, durante o período menstrual, enseje ambiente favorável à proliferação de bactérias, causadoras de inflamações, que podem não só danificar o aparelho genital feminino, mas também o masculino, havendo cópula. Daí a prescrição que a proíbe nesse período.

⁸ As questões de sexo, no Alcorão, são tratadas de maneira discreta e sucinta. Aqui, refere-se ao coito vaginal, a única maneira que o Islã permite, nas relações sexuais.

outros lugares, buscam a felicidade e o conforto em um relacionamento privilegiado com um mentor.

A análise do romance *Riwan ou o caminho de areia* revelou, por um lado, as representações de algumas instituições sociais, ou seja, casamento arranjado, poligamia, racismo, violência, estupro, virgindade e uso do véu, que favoreceu o *status* das mulheres africanas, mas por outro lado, trouxe a “revolta” delas contra os “mecanismos” que as obrigam.

O romance se inscreve no período de nascimento do feminismo africano nos anos 70 e 80. A autora Ken Bugul é considerada uma das escritoras feministas que questionam o sistema patriarcal. Para ela, o feminismo tem primeiro um sentido pessoal, porque ela vivenciou os rigores da poligamia. Então essa revolta que ela apresentou no romance *Riwan* excede o âmbito autoral para se dirigir a todas as mulheres vítimas de desigualdades de gênero.

Na sociedade senegalesa, existe uma desigualdade entre homem e mulher no casamento. A mulher ocupa um lugar subordinado e o homem domina. Simone de Beauvoir (1970, p. 14) descreve tal situação de deficiência, ressaltando:

A mulher sempre foi, senão a escrava do homem, ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições; e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado *handicap* (p. 14).

Recusando-se a assegurar a primazia da masculinidade, este novo tipo de mulher fictícia finalmente exigiu a reciprocidade. Ela tem a intenção de desistir do reino ilusório da “rainha do lar”, que, lembre-se, submete-a à violação conjugal, privada de uma educação avançada, encurralada à dependência econômica, transformada em um servo de seu marido e seus filhos e, em última instância, confinada no universo restrito que encarna o espaço privado.

A libertação que ela reivindica é certamente sexual, mas também econômica, política e social. Sua busca por uma nova identidade sexual, seu desejo de emergir na vida social, seu questionamento sobre os direitos e privilégios do marido, sobre sua esposa e seu desejo de ser definida como um ser à parte, recorrem a uma reestruturação radical da sua sociedade. Então, levantar a problemática da emancipação das mulheres implica levantar a questão da evolução de todo um povo, como foi possível perceber na análise da obra *Riwan ou o caminho de areia*.

Entretanto, a mulher ainda está lutando contra esta desigualdade de gênero, mesmo se as diferenças não são mais tão gritantes como antes. Ainda há muito a ser feito. A análise do romance de Ken Bugul (1999) mostrou que, ainda hoje, a mulher não é independente, por ainda ser considerada o Outro. Assim, os movimentos feministas, progressistas e os humanistas de todo o mundo devem unir forças para lutar com abnegação e determinação contra essa inferiorização

retrógrada e desumana da mulher. De acordo com Adichie (2015, p. 28),

a questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente.

Ken Bugul sente seu casamento como uma comunhão de almas e corpos, e não como um simples pacto habitual que lhe teria sido imposto por sua família e sociedade, como acontece com a “mulher moderna”, que ela caricaturiza. A confissão surpreendente do Serigne à narradora-personagem reforça esta ideia: “Se você fosse a primeira mulher que eu tivesse conhecido, eu nunca teria casado com outras” (Bugul, 1999, p. 198). Tais afirmações estão em todos os aspectos contrários àqueles que devem proferir um Serigne depositário de uma autoridade religiosa e costumeira que extrai seu poder na poligamia e força da tradição. Isso significa que, mesmo institucionalizada na sociedade senegalesa, a opção pela poligamia é, às vezes, uma forma de preencher a insatisfação do marido para com a(s) primeira(s) esposa(s). Além disso, atualmente, é uma prática muito contestada pelas jovens gerações, que veem nela uma fonte de problemas conjugais e de famílias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adichie, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Trad. Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- Alcorão. Traduzido por Dr. Helni Nasr. Professor de Estudos Árabes e Islâmicos na Universidade de São Paulo, Brasil.
- Bugul, Ken. *Riwan ou le chemin de sable*. Paris/Dakar: Présence Africaine., 1999.
- Hamda, Ouakel. *La femme bête noire des religions*. Disponível em <http://1dex.ch/2016/05/femme-bete-noire-religions/#.WPNfuljyvIU>. Acessado em 16/04/2017.
- Mané, Djiby. “A ecologia de contato de línguas e a inovação do léxico árabe nas línguas de muçulmanos não árabes no Senegal”, in: *Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (Eco-Rebel)* v. 3, n. 1, 2017.

Artigo recebido em 18/05/2017; aprovado para publicação em 21/07/2017

RESUMO: Pela marca de uma cultura patriarcal real nas grandes religiões (cristianismo, islamismo e judaísmo) do Livro e do Deus único, não se pode negar o importante papel das tradições religiosas na desigualdade de gênero. No caso do islã, objeto de estudo deste artigo, tal desigualdade pode ser encontrada na interpretação do Alcorão quanto à superioridade do homem sobre a mulher. Assim, este artigo analisou a obra *Riwan ou o caminho de areia* de Ken Bugul, no intuito de averiguar o papel da religião islâmica na inferiorização da mulher em relação ao homem. Heroína de uma tradição de submissão, a autora mostrou a realidade do casamento no Senegal em aspectos como a poligamia, a submissão da mulher, o uso do véu e a virgindade. No entanto, ela quis quebrar essa fatalidade para se tranquilizar. Por um lado, ela não se contenta mais em ser a projeção perfeita de seu meio e, por outro, ela se revolta, explicitamente ou não, contra a definição muito limitada de seu papel de mulher como lhe foi imposto. Ela particularmente se desespera por ser condenada à área privada e sonha em ter acesso a uma esfera de influência que excede o lar, dando origem ao desejo de emergir na vida social, econômica e política.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Mulher. Sociedade senegalesa. Ken Bugul.

ABSTRACT: By the mark of a real patriarchal culture in the great religions (Christianity, Islam, and Judaism) of the Book and only God, we cannot deny the important role of religious traditions in gender inequality. In the case of Islam, object of study of this article, the superiority of man over woman can be found in the interpretation of the Qur'an. This way, the preset article analyzed the book *Riwan or the sand path* by Ken Bugul, in order to ascertain the role of the Islamic religion in the inferiority of woman in relation to man. Heroine of a tradition of submission, the author showed the reality of marriage in Senegal, such as polygamy, submission of the woman, the use of the veil and virginity. However, she wanted to break this fate to reassure herself. On the one hand, she is no longer content to be the perfect projection of her environment and, on the other hand, she revolts, explicitly or not, against the very limited definition of her role as a woman. She particularly despairs of being condemned to the private area and dreams of having access to a sphere of influence that exceeds the home, giving rise to her desire to emerge in social, economic and political life.

KEYWORDS: Gender. Woman. Senegalese society. Ken Bugul.